

“Uma incrível história real de resiliência e luta pela vida.”
CHRISTY LEFTERI, autora best-seller de *O homem que escutava as abelhas*

HEATHER MORRIS



AS IRMÃS sob o sol NASCENTE



 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**HEATHER
MORRIS**

AS IRMÃS
sob o sol
NASCENTE

Tradução
Petê Rissatti



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Heather Morris, 2023

Originalmente publicado em inglês, no Reino Unido, pela Zaffre,
um selo da Bonnier Books UK Limited.

Os direitos morais da autora foram afirmados.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024

Copyright da tradução © Petê Rissatti, 2024

Todos os direitos reservados.

Título original: *Sisters Under the Rising Sun*

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Barbara Parente e Marina Castro

Diagramação: Márcia Matos

Capa: Nick Stearn

Projeto gráfico: Fabio Oliveira

Adaptação de capa: Renata Spolidoro

Imagens de capa: © Fred van Deelen (cerca de arame e torre de vigia), Shutterstock (árvores e aviões)

Imagens de miolo: Todas as partituras e fotos de Norah Chambers e família: cortesia de Seán Conway.

Imagem YMS 16139: reimpressa com a gentil permissão da Australian Manuscripts Collection,

Biblioteca Estadual de Victoria. Foto de Nesta James com o marido Alexander Noy: cortesia

de Kathleen Davies e Brenda Pegrum. Imagens 044480 e P01701.003: reimpressas com a gentil
permissão do Memorial de Guerra Australiano. Ilustração do mapa: Jake Cook.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Morris, Heather

As irmãs sob o sol nascente / Heather Morris; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo:

Planeta do Brasil, 2024.

320 p.

ISBN 978-85-422-2679-9

Título original: *Sisters Under the Rising Sun*

1. Ficção inglesa 2. Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção

I. Título II. Rissatti, Petê

24-1437

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção inglesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

Singapura Fevereiro de 1942

— Não quero ir! Por favor. Por favor, não nos obrigue a ir, Norah.

Os gritos de Ena Murray são engolidos pelos urros de mulheres e crianças, pelas explosões que irrompem à sua volta e pelo som estridente das aeronaves de guerra japonesas que os sobrevoam.

— Corram! Corram! — imploram os pais a filhos e filhas, mas é tarde demais. Outro míssil atinge o alvo, e o navio aliado ancorado no cais de Singapura se despedaça.

Enquanto os estilhaços despencam, o marido de Norah, John, e o marido de Ena, Ken Murray, se agacham ao lado das esposas, protegendo-as dos destroços voadores. Mas ficar parado não trará nenhum benefício. Ken ajuda as irmãs a se levantarem, enquanto John, ofegante, tenta se erguer.

— Ena, precisamos continuar, temos que ir agora!

Norah ainda está implorando à irmã que embarque no *HMS Vynner Brooke*. Há caos por todos os lados; ficar o mais longe possível desse caos, encontrar refúgio, é uma urgência terrível. Norah aproveita um breve momento para abraçar o marido. John ainda deveria estar no hospital; está fraco demais e mal consegue respirar, mas usaria sua última gota de força para proteger essas mulheres.

— Ena, por favor, ouça sua irmã! — exclama Ken. — Você precisa ir embora, meu amor. Vou voltar para a casa dos seus pais, prometo que cuidarei deles.

— Eles são *nossos* pais — responde Norah. — Nós é que deveríamos cuidar deles.

— Você tem uma filha em algum lugar por aí, Norah — retruca Ken. — Você e John precisam encontrar Sally. E você também tem que cuidar de Ena para mim.

Ken sabe que é o único que pode ficar em Singapura para cuidar dos sogros. John está terrivelmente doente, assim como o pai das mulheres, James – doente demais para tentar ir embora. Margaret, a mãe delas, se recusou a deixá-lo para trás.

Mais uma bomba explode ali perto, e todos se abaixam. Atrás deles, Singapura está em chamas; à frente, o mar está repleto de destroços de navios pegando fogo, barcos grandes e pequenos.

— Vão! Vão enquanto ainda conseguem. Se o navio não partir agora, não vai sair do porto, e vocês precisam embarcar. — Ken grita para ser ouvido. Ele beija Norah, aperta o braço de John e puxa Ena para um abraço apertado, beijando a esposa uma última vez antes de empurrá-la em direção ao navio.

— Eu te amo — grita Ena, com a voz embargada.

— Saia desse inferno. Encontre Sally, Barbara e os meninos. Logo estarei com vocês — grita Ken para as figuras que batem em retirada.

Norah, John e Ena estão agora no meio da multidão de passageiros, forçados a se mover ao longo do cais em direção ao navio.

— Sally... Precisamos encontrar Sally — murmura John, com as pernas enfraquecidas. Norah e Ena pegam cada uma um braço dele e o apressam. Norah não tem mais palavras. Os gritos da filha enchem sua mente enquanto ela cambaleia em direção ao seu destino. *Não quero ir. Por favor, me deixe ficar com você, mamãe.* Apenas alguns dias antes, ela havia embarcado Sally, de oito anos, em outro navio e a mandara embora.

Eu sei que não quer ir embora, meu amor, ela tentara persuadir. Se existisse alguma maneira de ficarmos juntas, nós ficaríamos. Preciso que você seja uma garotinha forte e que vá com tia Barbara e seus primos. O papai e eu estaremos com você antes que perceba. Assim que ele estiver melhor.

Mas você prometeu que não me mandaria embora, você prometeu. Sally estava fora de si, as lágrimas escorrendo livremente, as bochechas vermelhas.

Sei que prometi, mas às vezes as mães e os papais precisam quebrar suas promessas para manter as filhas seguras. Eu prometo...

Não prometa nada... não diga que promete quando eu sei que você não pode cumprir.

Vamos, Sally, você pode segurar a mão de Jimmy?, dissera Barbara. Ela era a irmã mais velha de Norah e Ena. Tinha falado de um jeito gentil com a sobrinha. Havia algum conforto ali para Norah; Sally estaria segura com sua família.

— Ela não olhou para trás nenhuma vez — sussurra Norah para si mesma enquanto caminha. — Simplesmente embarcou no navio e desapareceu.

Entrando na área isolada do cais, os passageiros com a documentação aprovada se aglomeram. Ali estão adultos aterrorizados e crianças chorosas, cada um deles lutando sob o peso dos seus bens mais essenciais.

Um grupo de enfermeiras do Exército australiano entrega seus documentos aos oficiais e são levadas às pressas através da área cercada. Elas ficam de lado enquanto civis passam enfileirados antes que outro grupo de mulheres com o mesmo uniforme irrompa pelos portões. As enfermeiras reunidas se abraçam, cumprimentando-se como amigas perdidas há muito tempo. Entre as recém-chegadas, uma mulher pequena abre caminho.

— Vivian, Betty, aqui — chama ela.

— Ei, Betty, é Nesta!

As três mulheres se aconchegam em um abraço. As freiras Nesta James, Betty Jeffrey e Vivian Bullwinkel tornaram-se amigas inseparáveis na Malásia, onde foram destacadas para cuidar dos soldados aliados antes que a região fosse invadida pelo Exército japonês. Como todos os outros, tinham sido forçadas a fugir para Singapura.

— Que bom reencontrar vocês — comemora Nesta, feliz por ver as amigas. — Eu não sabia se vocês tinham ido embora com os outros ontem.

— Betty, sim, deveria ter partido ontem, mas consegui uma dispensa quando estavam a caminho do navio. Nós duas tínhamos esperança de não sermos mandadas para casa, tem muita coisa a ser feita aqui — comenta Vivian.

— A enfermeira-chefe foi defender nossa causa pela última vez. Ainda não estamos no navio, então talvez o Alto Comando se convença a nos deixar ficar aqui em Singapura com aqueles que estão doentes demais para ir embora — explica Nesta para as duas.

— Estão embarcando as lanchas agora, é melhor ela se apressar — sugere Betty, olhando para a fila de homens, mulheres e crianças subindo nos barcos que balançam com violência na água e que os levarão ao *HMS Vynner Brooke*. As bombas continuam a atingir seus alvos, gerando ondas no mar e jogando-as contra o cais.

Nesta olha para as lanchas onde os passageiros estão embarcando.

— Parece que alguém poderia dar uma mãozinha, não é? Volto já.

— Vocês precisam de alguma ajuda? — pergunta Nesta a Norah e Ena, que estão tentando descobrir como ajudar John a descer os degraus íngremes e entrar em um dos barcos. Metade da embarcação está tomada por passageiros desorientados, alguns chorando, outros paralisados pelo medo. Norah sente a mão em seu ombro.

Norah se vira e vê o rosto sorridente de uma mulher baixinha usando o uniforme branco de enfermeira. Era tão pequena que Norah imagina como poderia ajudá-los, considerando que ela, seu marido e a irmã são mais altos que a média dos homens e das mulheres.

— Sou a irmã* Nesta James, enfermeira do Exército australiano. Sou mais forte do que pareço e fui treinada para ajudar pacientes muito maiores que eu, então, não se preocuem.

— Acho que ficaremos bem — Norah diz a ela. — Mas obrigada.

— Por que uma de vocês não entra no barco enquanto duas de nós ajudamos o cavalheiro a descer, e vocês assumem o comando a partir daí? — Nesta insiste educadamente. — O senhor esteve no hospital? — pergunta ela a John, tomando o braço dele enquanto Norah o solta.

— Estive — responde ele, permitindo que ela o guie em direção ao barco. — Tifo.

Assim que Norah está em segurança no barco, Ena e Nesta ajudam John a descer para os braços dela, que o aguardam.

— A senhora não vem conosco? — pergunta Ena à jovem enfermeira.

— Estou com minhas amigas. Vamos seguir na próxima lancha.

Ena olha em volta e vê um grande grupo de mulheres vestidas com o mesmo uniforme.

Enquanto a lancha se afasta com Norah, John e Ena a bordo, eles ouvem cantos vindos do cais. As enfermeiras, com os braços em volta dos ombros umas das outras, empertigam-se com orgulho, cantando com toda a força, alto o suficiente para abafar a detonação de um tanque de combustível que se transforma em uma bola de fogo nas proximidades.

* No idioma inglês, mesmo nos dias de hoje, as enfermeiras são chamadas de irmãs (*sisters*), pois o trabalho de cuidadoras de doentes foi incumbência de freiras desde tempos imemoriais. (N. do T.)

*“Agora é a hora em que devemos dizer adeus
Em breve você vai navegar por todo este mar
Enquanto estiver fora, de mim vai se lembrar
Quando voltar, estarei aqui para te abraçar.”*

Outra bomba explode no cais.

A enfermeira-chefe Olive Paschke é alvo do olhar de Nesta.

— A enfermeira-chefe Drummond fez um apelo final às autoridades para que nos deixassem ficar aqui e cuidar de nossos homens, mas o tenente disse a ela que nosso pedido foi negado.

— Mesmo assim valeu a pena tentar mais uma vez, não foi? Simplesmente não parece certo abandoná-los quando muito provavelmente vão precisar de nós. Como foi que a enfermeira-chefe reagiu?

— Da única maneira que podia: apenas erguendo as sobancelhas para ele — responde a enfermeira-chefe Paschke. — Se ela tivesse dito o que estava pensando, estaria em apuros.

— O que significa que ela não aceita, mas vai concordar com essa situação a contragosto. Eu não teria esperado nada menos dela. — Nesta balança a cabeça.

— Vamos, vamos chamar as outras. Acho que somos as últimas a sair.

Uma vez a bordo do *HMS Vyner Brooke*, a irmã Vivian Bullwinkel entretém a todos com seu conhecimento do navio.

— Ele recebeu o nome do terceiro rajá de Sarawak e agora tem *HMS** na frente do nome porque a Marinha Real o requisitou. O navio foi projetado para transportar apenas doze passageiros, mas tem uma tripulação de quarenta e sete pessoas.

— Como você sabe de tudo isso? — indaga Betty.

— Jantei com o rajá, não foi? Sim, eu sei, eu... a pequena irmã Vivian Bullwinkel de Broken Hill... jantei com um rajá. Não estávamos só nós dois, vejam bem, havia outras pessoas lá.

* A sigla HMS compõe o nome dos navios pertencentes à Marinha britânica e significa “Navio de Sua Majestade” (*His Majesty’s Ship* ou *Her Majesty’s Ship*, conforme a coroa do Reino Unido esteja sendo usada no momento por um rei ou por uma rainha). (N. do E.)

— Ah, Bully, só você acrescentaria a última parte. O restante de nós diria simplesmente “jantei com o rajá” — comenta Betty, rindo da amiga.

Quando a última enfermeira embarca, o capitão dá ordem para recolher a âncora e seguir viagem com cautela. Ele conhece os campos minados britânicos que estão à frente e sabe que serão uma ameaça tão grande quanto o inimigo que domina os céus.

À medida que o sol se põe, os passageiros observam Singapura queimar, com bombardeios, granadas e tiros implacáveis de canhões. Acima do barulho da morte de uma cidade, Norah, John e Ena se afastam da cacofonia para ouvir o doce canto das enfermeiras australianas no convés. E, apenas por um momento, é tudo o que conseguem ouvir.



Planeta

2

HMS Vyner Brooke, estreito de Bangka Fevereiro de 1942

— *Você virá bailar Matilda comigo...*

— Que animado esse grupo de enfermeiras. É uma sorte tê-las a bordo, considerando tudo que está acontecendo. — Norah luta para manter a voz leve e graciosa.

As palavras finais de “Waltzing Matilda” são acompanhadas pelo grito agudo das sirenes de ataque aéreo ecoando pelo porto em direção ao navio que parte lentamente. Um tanque de armazenamento de petróleo explode, arremessando seus pedaços pelos ares. Ao redor deles, embarcações em chamas são sugadas por ondas tempestuosas. Somente as habilidades de um capitão experiente poderão fazê-los atravessar o porto, passar pelas minas deixadas pela Marinha britânica para deter a Marinha japonesa e chegar a alto-mar.

Norah dá as costas para as cenas apocalípticas.

— Você quer ver se há um lugar lá embaixo para descansar? — pergunta John enquanto olha para o mar, mas é óbvio para Norah que ele está tentando esconder seu desconforto por precisar da ajuda dela.

— Estou feliz por ficar aqui no convés. Há mães com crianças e muitos idosos. Acho melhor que eles fiquem nas cabines — sugere Ena.

John olha para Norah. A resposta dela decidirá se vão se aventurar embaixo do convés ou não.

— Muito bem, Ena, vamos encontrar algum espaço aqui onde possamos nos deitar. Todos precisamos descansar um pouco.

Norah percebe o alívio tomar conta do rosto dele. Ela conhece o marido bem até demais; agora não precisarão ajudá-lo a subir e descer cambaleando pelas escadas.

Enquanto caminham arrastando os pés pelo convés em busca de um espaço para se acomodar, eles param por um momento e observam as enfermeiras, reunidas em torno de uma irmã mais velha enquanto ela dá instruções.

— Deve ser a chefe — Norah sugere.

— Vamos até o salão onde o capitão nos deu permissão para nos instalarmos. Temos muito o que planejar e devemos estar preparadas para tudo — diz a mulher com uniforme de enfermeira-chefe às outras. Outra das chefes está entre elas, radiante, seu orgulho pelas subordinadas evidente. Está claramente feliz por sua colega mais jovem estar assumindo o comando.

Enquanto as enfermeiras se dirigem para a escotilha, Norah, Ena e John procuram por algum espaço no convés superior para a primeira noite de fuga. As fogueiras ao longo da costa competem com o brilho do sol poente sobre o que já foi um paraíso tropical. Agora, parece o Armagedom.

John desliza pela antepara do navio, terminando sua trajetória no assoalho de madeira. Ele acena para Norah e Ena se juntarem a ele, e elas se sentam uma de cada lado do enfermo, se aconchegando perto dele para manter seu corpo erguido. John envolve cada mulher com um dos braços, e elas observam seu mundo desaparecer, em silêncio.

As enfermeiras entram em fila no salão, conversando entre si. Estão entusiasmadas, apavoradas e, nesse momento, precisam do conforto das amigas e colegas.

— Calma, meninas! Temos muito o que fazer. — A enfermeira-chefe Olive Paschke as chama à ordem. — Vamos nos dividir em quatro equipes. Algumas de vocês ficarão responsáveis por aqueles que estão abaixo do convés, e outras pelos que estão acima. Vou definir uma líder para cada área, e ela ficará responsável pela zona designada, pela disciplina e pelo ânimo de seu grupo. Mas primeiro quero deixar claro que, se o pior acontecer e nós tivermos de abandonar o navio, vocês deverão ajudar na evacuação, e nós seremos as últimas a partir.

A enfermeira-chefe observa seu grupo absorver essas palavras. As garotas se entreolham e assentem; compreenderam exatamente o que foi dito.

Nesta, a segunda no comando depois da enfermeira-chefe Paschke, é a primeira nomeada para liderar uma equipe. De forma rápida e eficiente, as enfermeiras dividem os medicamentos e curativos entre si.

Enquanto se reúnem, a enfermeira-chefe Drummond se dirige a todo o grupo.

— Primeiro, quero dizer que estou extremamente orgulhosa de todas vocês. Vamos superar tudo isso juntas. Fui avisada pelo capitão de que não há

botes salva-vidas suficientes a bordo para todos se tivermos de abandonar o navio. Portanto, por favor, estejam sempre com seus coletes salva-vidas. Durmam com eles; isso pode significar a diferença entre a vida e a morte.

— Além disso — acrescenta a enfermeira-chefe Paschke —, se vocês acabarem no mar, não se esqueçam de tirar os sapatos. Meninas, não vou romantizar a nossa viagem. Vamos ser bombardeadas, não há dúvida quanto a isso. Sinto muito, mas é inevitável. — A enfermeira-chefe endireita os ombros, fica mais alta, uma demonstração de força para suas comandadas. — Agora, vamos para as áreas sob a nossa responsabilidade para praticarmos a evacuação. A enfermeira-chefe Drummond e eu daremos uma olhada em vocês. Ah, mais uma coisa: se tivermos de abandonar o navio, a enfermeira-chefe Drummond dará a ordem. Entenderam?

Nesta lidera seu grupo até o topo e para bombordo. Norah, John e Ena observam-nas praticar o exercício de ajudar as pessoas a chegarem à lateral, identificando onde as cordas podem ser usadas. Nesta diz às suas enfermeiras que elas lidarão com homens, mulheres e crianças aterrorizados e possivelmente feridos. Em tom gentil, elas ensaiam as palavras de conforto que usarão para persuadir os passageiros relutantes a saltar no mar.

— Lembrem-se, haverá pessoas que não sabem nadar, incluindo crianças e até mesmo bebês. Digam a eles que haverá ajuda disponível quando estiverem na água. Existem botes salva-vidas portáteis que a tripulação jogará para nós lá embaixo.

Norah está observando a irmã Nesta James, distraída por um momento do que acontece ao redor para admirar o comando que a jovem demonstra ter sobre as enfermeiras sob sua responsabilidade. Nesta percebe o olhar dela e lhe abre um amplo sorriso. Com certeza se lembra de ter ajudado aquele trio mais cedo. Seu sorriso está dizendo: *Não há nada com que se preocupar aqui. Tudo faz parte do trabalho.* Norah não tem certeza se fica tranquila, mas aprecia o gesto e o humor no sorriso de Nesta enquanto navegam por uma zona de guerra.

No entanto, cedo demais, Norah volta a se dar conta do perigo que correm. Enterra o rosto nos braços de John, abafando os soluços que ameaçam escapar e dizendo a si mesma que não pode chorar, não pode se comportar como uma criança depois de ter visto as corajosas enfermeiras demonstrarem seu compromisso inabalável de salvar aqueles que precisam de ajuda.

— Está pensando em Sally, não está? — sussurra John em seu cabelo.

— Ela passou por isso, John? — Norah choraminga. — Foi jogada ao mar por uma pessoa bem-intencionada? Se ao menos soubéssemos que ela conseguiu, onde ela está agora. Me diga que ela está em segurança.

— Eu saberia se ela não estivesse, eu sentiria — John a tranquiliza, levantando o queixo dela de seu ombro com dedos trêmulos. — Você também sentiria. Bem aqui. — Ele pousa a mão sobre o coração de Norah. — Nossa Sally está segura, minha querida, você precisa acreditar nisso. Confie nessa imagem e logo, logo vamos estar com ela.

Ena se inclina sobre John para abraçar a irmã preocupada.

— Ela está segura, Norah. Está esperando por você — ela a conforta.

— Muito bem, meninas! — diz a enfermeira-chefe Drummond, depois de observar Nesta trabalhando com sua equipe. — Irmã James, termine o que está fazendo e leve suas garotas lá para baixo para descansar. Infelizmente ouvimos dizer que há escassez de alimentos a bordo, então a chefe Paschke e eu já dissemos que doaremos nossa cota às crianças. Vejo vocês lá embaixo.

— Com licença, irmã James. Eu não sei nadar — anuncia uma das enfermeiras.

— Você não está sozinha; a chefe Paschke também não sabe — diz Nesta para ela.

— Mesmo? Tem certeza? — A enfermeira abre um sorriso.

— Tenho. Estávamos juntas em Malaca, na Malásia. Esse lugar tinha as praias mais maravilhosas, e, quando estávamos de folga, íamos lá muitas vezes para nadar. Não conseguimos convencer a enfermeira-chefe nem a molhar os pés; ela tinha pavor da água.

Poucos passageiros que dormiam exaustos percebem quando o motor do navio é desligado ou mesmo quando a âncora é lançada. O capitão decidiu não correr o risco de ser detectado no estreito de Bangka, que é tão exposto. Um momento depois, contudo, ele muda de ideia.

— Não podemos ficar aqui — diz ele à sua tripulação. — Vamos avançar a toda velocidade em direção ao estreito. O mais rápido que pudermos.

* * *

O sol acorda quem dorme no convés. O calor opressivo desperta aqueles que estão abaixo dele. As enfermeiras começaram a servir as escassas porções antes de voltarem ao salão para mais demandas.

— A enfermeira-chefe e eu nos reunimos com o capitão Borton há pouco — conta a enfermeira-chefe Drummond ao grupo reunido. — Infelizmente, não estamos acompanhando o ritmo de que ele precisa. Descansem enquanto podem. As líderes, por favor, fiquem, e todas as outras subam, pois lá em cima pode estar um pouco mais fresco.

— Por favor, lembrem suas enfermeiras de sempre usarem as braçadeiras da Cruz Vermelha — pede a enfermeira-chefe Paschke às líderes do grupo. — Se o pior acontecer, elas poderão ser identificadas. Nunca se sabe, talvez os pilotos japoneses as vejam e poupem o navio e seus passageiros. O capitão Borton nos disse que, se a sirene do navio emitir sons curtos, significa que estamos sob ataque. Nesse caso, dirijam-se aos seus postos de trabalho e aguardem novas instruções. Se a sirene soar continuamente, significa que devemos abandonar o navio, e todas vocês saberão o que fazer. Falem com suas garotas agora. A enfermeira-chefe e eu passaremos em breve para inspecionar seus postos.

O convés superior está movimentado com passageiros tentando escapar do calor e da umidade da parte de baixo. Muitos cochilam onde encontraram um pouco de sombra. Muitos não ouvem o avião se aproximando. Aqueles que ouvem ficam paralisados, olhos fixos no céu, observando enquanto a aeronave mergulha em direção ao mar e avança diretamente para eles.

— Protejam-se! Protejam-se! — explode uma voz no alto-falante.

E, então, tudo vira uma confusão.

Os passageiros se debatem enquanto a metralhadora dispara do ar ao longo do convés. As balas o atingem com força, ricocheteando nos ornamentos de metal em uma segunda tentativa de encontrar seu alvo.

— Corram! Corram! — grita John, agarrando os braços de Norah e Ena. Mas, no fim das contas, são elas que o arrastam.

As enfermeiras correm para os postos designados, prontas para o que os momentos seguintes trarão. O ataque, porém, acabou, e o céu fica limpo novamente. Um suspiro coletivo de alívio é ouvido. Há poucos feridos entre os passageiros, mas os botes salva-vidas do navio foram os mais atingidos pelo ataque, muitos deles se tornando inúteis.

* * *

— Somos alvos fáceis aqui, os bombardeiros estarão a caminho em breve. Temos que entrar no estreito se quisermos ter alguma chance de escapar do que está por vir — alerta o capitão Borton à tripulação.

À medida que o navio entra em ação, o capitão examina o horizonte e espia terra à vista. Se pelo menos conseguirem chegar inteiros ao destino.

— Parece que está tudo bem. Por enquanto — comenta ele com um oficial.

— Vamos ficar aqui embaixo — sugere John. Ele parece exausto, e Norah toca sua testa para descobrir que a febre voltou. Ele não conseguirá lutar para subir aquelas escadas muitas vezes mais.

As enfermeiras ouviram o sinal de que tudo estava em ordem e retornam logo de seus diferentes postos até o salão para novas solicitações. Felizmente, todas conseguem relatar apenas ferimentos leves entre os passageiros, principalmente causados por lascas de madeira arremessadas pelas balas que atingiram a embarcação. Agora, os motores começam a rugir diante da tarefa à frente, enquanto o navio segue na direção do estreito de Bangka. Não haverá mais zigue-zague para evitar minas.

Não demora muito para que as sirenes soem de novo e os gritos de “Aeronave se aproximando!” cheguem aos ouvidos daqueles que estão embaixo do convés.

Esses passageiros não conseguem ver os aviões se aproximando, mesmo assim sentem os efeitos da primeira bomba explodindo na água, sacudindo as ondas e balançando o navio com violência de um lado para o outro.

— Um! — grita alguém.

O capitão Borton inicia manobras evasivas enquanto tenta evitar as bombas que caem sobre eles. Espalhou-se a notícia de que há terra à vista; é hora de implorar por um milagre.

— Dois, três... catorze, quinze... vinte e seis, vinte e sete. — Norah, John e Ena ouvem outro passageiro contar o número de bombas caindo ao redor; por milagre, nenhuma parece ter atingido o navio.

— Vinte e oito, vinte e nove...

E agora uma explosão atinge o navio, lançando os passageiros ao ar, contra as paredes, uns contra os outros. O pânico irrompe, e todos embaixo do convés correm para os corredores a fim de subir as escadas.

— Vocês estão bem? Estão feridas? — pergunta John para Norah e Ena.

— Estamos bem, mas precisamos subir ao convés. Não é seguro aqui embaixo — grita Norah.

— Tem razão. Vocês duas vão na frente, eu sigo vocês.

— Ajude-o a se levantar, Ena, ele vai para onde formos — afirma ela, olhando diretamente para John. — Esse é o nosso pacto.

As mulheres ajudam John a se levantar, imprensando-o entre elas. Norah vai à frente, abrindo espaço entre a multidão e sendo empurrada por ela, todos agora desesperados para escapar do navio que está afundando.

— Podem ir, meninas, nos vemos lá em cima — diz a enfermeira-chefe àquelas que ainda estão no salão.

Nesta e sua equipe se dirigem para a escada mais próxima, em direção à luz do dia, mais do que prontas para realizar o trabalho para o qual se prepararam. Quando ela irrompe no convés, outro avião se aproxima, disparando furiosamente com seus canhões, atingindo os já feridos e destruindo ainda mais os botes salva-vidas. Nesta instrui suas enfermeiras a ficarem onde estão até o avião ir embora.

— Procurem os feridos, aqueles que vocês possam ajudar. Vamos! — grita ela.

Norah também está subindo, ainda agarrada a John. É uma subida lenta, ainda mais lenta por conta da garota da frente, que se esforça para caminhar sem cair. Norah toca o ombro dela de maneira gentil.

— Você está ferida — avisa ela. — Muito ferida! Suas costas...

— Estou? — pergunta a garota, alheia aos ferimentos, seu vestido encharcado de sangue.

Por fim, a garota ferida cambaleia até o convés, onde desmaia.

— Enfermeira! Preciso de uma enfermeira aqui — grita Norah. Ela se senta ao lado da garota, apoiando com suavidade a cabeça dela em seu colo.

Nesta é a primeira enfermeira a chegar ao lado delas. Ela sente a pulsação da garota no pescoço e verifica seus olhos.

— Ela se foi, sinto muito... não há nada que possamos fazer — lamenta ela para Norah.

— Precisamos deixá-la aqui, Norah. Sinto muito, minha querida, mas temos que sair deste navio — sussurra John. — Vamos ter que nadar para chegar à terra.

Mais uma vez, as duas mulheres ajudam John a caminhar enquanto são arrebatadas pela multidão que tenta desesperadamente chegar aos botes salva-vidas.

As enfermeiras-chefes Paschke e Drummond ainda estão embaixo do convés e garantirão que todos estejam lá em cima ou subindo antes de saírem. Uma sensação estranha de calma permeia o salão enquanto os passageiros evacuam o lugar, mas, então, ouve-se o grito de uma mulher.

— Parem! Fiquem todos parados!

O mundo está imerso em caos, o navio está afundando, os feridos estão morrendo, mas todos ficam paralisados ao ouvir a voz estridente.

— Meu marido deixou cair os óculos — anuncia a mulher.

Por mais ridícula que seja a situação, tanto as enfermeiras-chefes quanto muitos dos tripulantes começam a rir antes de continuar subindo as escadas.

Todo treinamento que cada enfermeira fez entra em ação nesse momento. A equipe de Nesta, exceto duas enfermeiras que não conseguiram subir ao convés, começa a ajudar mulheres e crianças a entrarem nos botes salva-vidas. Por cima do barulho, da angústia, dos gritos de socorro dos feridos e aterrorizados, a enfermeira-chefe Paschke dá instruções com sua voz clara e paciente. Os botes salva-vidas estão cheios, as crianças usam as escadas de corda para descer até o mar, com os pais atrás delas.

— Eu vou primeiro — diz Ena a Norah. — Você ajuda John, e depois se junta a nós.

Ena agarra uma corda pendurada na lateral do navio. A corda corre entre seus dedos enquanto ela desliza para dentro da água. Imediatamente, John poussa ao lado dela, tendo ido pelo caminho mais rápido e saltado. Seu colete salva-vidas o traz à superfície, e Ena estende a mão para agarrá-lo. Ela grita quando sua mão se fecha em volta do braço dele. As palmas estão laceradas e ensanguentadas pela fricção da corda. Ela acena freneticamente para Norah, gritando:

— Pule! Norah, pule, não use a corda.

Vendo Ena acenar, Norah agarra a corda e desce pela lateral, deslizando até lá embaixo.

John vê as mãos de Ena e, quando Norah atinge a água, ele tenta freneticamente nadar em direção a ela, sabendo que ela também sentirá a dor das queimaduras de corda e da carne esfolada.

Mas elas não têm tempo para cuidar de suas feridas, precisam escapar do navio que está afundando. John rejeita a ajuda das duas, pois sabe que está por conta própria e que agora deve encontrar toda a força que lhe resta para ajudá-las.

Com o fluxo contínuo de homens, mulheres e crianças entrando nos botes salva-vidas ou na água, Nesta percebe o número cada vez menor de pessoas que permanecem no convés. Perto dali, um passageiro deixa um menininho nos braços de um dos tripulantes.

— Enfermeira-chefe, aqui, temos um barco salva-vidas para dois.

Nesta observa enquanto as pessoas ajudam as enfermeiras-chefes Paschke e Drummond a entrar no barco salva-vidas restante. O navio balança e elas tombam, rindo por um instante em suas posições menos femininas enquanto se ajudam a recuperar a compostura. À medida que o bote salva-vidas desce pela lateral do navio, a enfermeira-chefe Drummond grita.

— Hora de irmos embora, meninas! Abandonemos o navio! — grita ela.

— Vamos nos encontrar na costa para nos prepararmos — acrescenta a enfermeira-chefe Paschke.

Enquanto o barco salva-vidas desaparece na lateral, Nesta se volta para as enfermeiras restantes.

— Vocês ouviram a chefe, é a nossa vez. Todas vocês fizeram um trabalho incrível, obrigada. Agora, tirem os sapatos, segurem o colete salva-vidas embaixo do queixo e pulem.

— De que adianta tirar os sapatos? Não sei nadar, então é melhor me afogar com os sapatos calçados — comenta uma enfermeira.

Nesta olha ao redor e vê parte de uma porta caída inutilmente no convés.

— Ninguém vai se afogar — diz ela à enfermeira pessimista. — Me ajude com esta porta. Vamos jogá-la pela amurada, e, depois que pular, você poderá se segurar nela.

Elas lançam a porta quebrada ao mar. Nesta observa a enfermeira pular, subir à superfície e, em seguida, na prancha, segurando-se com força enquanto os pés batem na água para se afastar.

Olhando ao redor uma última vez, Nesta ergue o vestido, puxando as meias para baixo, antes de chutá-las para longe junto com os sapatos. Agora sem o uniforme adequado, ela pula ao mar.

Ao redor delas, na água, há gritos de socorro, chamados por entes queridos. Esses apelos se juntam à sinfonia de ruídos dos rangidos e do desmantelamento do *HMS Vyner Brooke*.

Por um momento, Norah, Ena e John olham para trás, observando com horror o navio naufragar. A popa sai da água, exibindo com orgulho sua hélice, até que silenciosa e graciosamente afunda nas profundezas.

— Lá vai ele — diz John, baixinho.

— Ah, não! Ali! — exclama Ena de repente.

Outros na água também notaram a aeronave japonesa avançando diretamente para os passageiros em dificuldade. Ao redor das pessoas, o mar começa a se agitar quando as balas atingem a água, algumas encontrando um alvo. Muitos dos que sobreviveram ao salto ao desconhecido flutuam agora sem vida nas ondas, sua luta encerrada.

— Mamãe! Mamãe, onde você está?

Ena e Norah avistam uma garota que mal chegou à idade escolar desaparecer dentro de uma onda. Nadando para longe de John e esquecendo a dor nas mãos machucadas, elas avançam em direção aos gritos lamentosos. Uma onda lança a garota de volta à superfície, e Ena estende a mão e a agarra, puxando-a para perto.

— Peguei você. Peguei você. Vai ficar tudo bem — murmura ela.

— Agarre-se nela, Ena. Vamos voltar para John — grita Norah.

— Onde está minha mamãe? Não consigo encontrá-la — choraminga a garota, engolindo água e cuspidando-a.

— Vamos encontrá-la, prometo — diz Ena. — Olhe, segure-se em mim para flutuarmos. Qual é o seu nome?

— June. Sou June. O nome da minha mãe é Dorothy. Tenho cinco anos.

— Prazer em conhecê-la, June. Meu nome é Ena, e esta é minha irmã mais velha, Norah. Vamos cuidar de você até encontrarmos sua mamãe.

Ena agarra June pela cintura e, lentamente, elas remam até John, que está nadando na direção delas. A correnteza está arrastando todos para longe do navio naufragado, mas não rápido o suficiente para evitar que alguns sejam engolidos pelo óleo que borbulha dos tanques despedaçados do navio.

— Pode ficar pior do que isso? — lamenta John enquanto tentam tirar o óleo do rosto. Sem água potável, suas tentativas serão inúteis. — Vamos tentar chegar à ilha.

— Parece que estamos nos afastando dela — diz Norah.

— É a correnteza, ela vai continuar nos empurrando para o estreito. Vamos descansar um pouco e nos recuperar antes de nadarmos com toda a força em direção à terra.

Com June agarrada a Ena, eles seguem em frente, deixando a correnteza levá-los para onde deseja, que não é onde precisam estar.

Nesta atinge a água com força, afundando bem abaixo das ondas. Ela solta o colete salva-vidas e, usando as duas mãos, luta para chegar à superfície. Libertando-se, ofega em busca de ar e é imediatamente atingida por um corpo flutuante. Seu instinto é o de procurar sinais de vida, mas logo percebe que não há esperança para aquele pobre homem.

Ao ouvir gritos de socorro, Nesta nada em direção aos necessitados. Vê várias enfermeiras agarradas a uma tábua flutuante, mas elas gritam para avisar que estão bem. Ela balança as pernas, indo em direção a um barco salva-vidas que está se afastando dela. Ao subir em uma onda, reconhece as enfermeiras-chefes Drummond e Paschke, junto com várias enfermeiras, algumas feridas. Uma de suas colegas tem duas crianças pequenas penduradas no pescoço. Agarrados às laterais do barco estão homens e mulheres desesperados. Nesta fica aliviada: sua amiga Olive Paschke está segura, e a enfermeira-chefe Drummond está com ela. Todas estão desempenhando as funções para as quais estudaram: cuidar dos vulneráveis.

Betty Jeffrey nada em direção a ela.

— Nesta, Nesta, você está bem? — grita ela.

— Betty! Sim, estou bem, e você?

— Não estou ferida. Estou tentando encontrar as outras, acho que nem todas conseguimos — responde Betty, com a voz embargada.

— Por aqui. Por aqui.

As mulheres ziguezagueiam e veem várias outras enfermeiras nadando juntas. Em silêncio, as duas avançam em direção ao grupo.

— Está todo mundo bem? Tem alguém ferido? — pergunta Nesta imediatamente.

Um coro de “não” chega até ela. Mas Nesta avista sangue escorrendo sem parar da cabeça da irmã Jean Ashton.

— Jean, me deixe ver o corte em sua cabeça; alguma de vocês tem ferimentos que não estou conseguindo ver? — pergunta Nesta à jovem enfermeira.

Jean faz que não com a cabeça, e ninguém admite ter ferimentos graves, a não ser as pancadas e escoriações que a água salgada está curando aos poucos.

— O que você quer que façamos? — pergunta uma enfermeira a Nesta, reconhecendo que ela é a mais experiente mesmo enquanto flutuam no mar, naufragadas.

Agarradas umas às outras num círculo apertado, as enfermeiras fazem uma reunião improvisada para discutir quaisquer formas possíveis de ajudar os feridos e vulneráveis.

— Ajudem onde puderem, mas precisamos fazer a segurança ser nossa prioridade — garante Nesta.

— Vamos chegar à costa e ver o que podemos fazer a partir daí. Alguém viu as chefes?

— Sim, as duas estão no mesmo barco salva-vidas com outras enfermeiras e civis — informa Betty ao grupo.

— Eu as vi por um instante, acho que não me viram, e depois eu fui levada pela correnteza — diz Nesta para ela.

— A enfermeira-chefe Paschke parecia particularmente orgulhosa de si mesma — diz Betty. — Vê-la tão perto da água sem entrar em pânico foi muito estranho. Lembra, Nesta, que ela nem chegava a molhar os pés em Malaca?

— Lembro que nós zombávamos dela. Ela nunca vai nos deixar esquecer que sobreviveu no oceano depois de naufragar.

— Devemos nos separar e procurar as outras? — pergunta Betty.

— Sim, tente se agarrar a uma das tábuas que passarem flutuando. Veja você na costa! — grita Nesta enquanto permite que a correnteza a leve embora.

— Alguns deles chegaram à terra. Então, se eles conseguiram, nós vamos conseguir também — grita Norah para os outros.

Norah, Ena, John e June se juntam a vários sobreviventes que tentam nadar até uma ilha que surge à vista cada vez que são levados por uma onda, apenas para desaparecer quando caem de volta no oceano calmo. *Graças a Deus a água está quente*, pensa Norah, olhando para o marido. A última coisa que ele precisa é de uma hipotermia.

A corrente abaixo deles é forte e está impedindo sua aproximação. Por horas, eles se movem pelo estreito de Bangka. June adormece de exaustão ou

pelo trauma. Ena a abraça, a cabecinha da menina apoiada em seu ombro enquanto nadam. Finalmente o sol está se pondo nesse dia terrível, e a visibilidade na água diminui. Mais perto agora, eles observam as fogueiras ardendo na costa que lutam para alcançar.

Só enxergam a jangada quando ela passa. Vários nadam atrás dela, agarrando-a e puxando-a de volta para que outros possam se agarrar. Com a exaustão ameaçando dominar a todos, Norah e Ena ajudam uma à outra a subir na jangada. À medida que a escuridão completa os envolve, eles se amontoam. A maioria das pessoas na jangada cai em sono profundo.

“Bailando Matilda, bailando Matilda

Você virá bailar Matilda comigo

E ele cantava enquanto guardava a ovelha na bolsa

Você virá bailar Matilda comigo...”

Enquanto a noite cai, Nesta se vê sozinha, mas percebe que cantar traz algum conforto. A madeira que ela segurava havia várias horas se tornou seu lar. Sem forças para remar, ela decide subir e deixar a correnteza levá-la.

Deitada de barriga para cima, ela olha para as estrelas no céu, as mesmas estrelas para as quais sua família e seus amigos na Austrália também podem estar olhando. Pensa no vasto céu de sua cidade natal, na zona rural de Victoria, com que ela se maravilhou durante a maior parte de sua vida, e imagina que sua mãe e seu pai também estão olhando para cima. Ela lhes envia uma mensagem.

Vou sobreviver e estarei com vocês assim que puder. Eu sei que vocês nunca quiseram que eu fosse para a guerra. Não facilitei a vida de vocês, me desculpem por isso. Prometo que, quando chegar em casa, nunca mais deixo vocês.

Ela pensa também no dr. Rick, que ela conheceu quando estavam lotados na Malásia para cuidar dos soldados aliados posicionados para expulsar o Exército japonês invasor, assim eles acreditavam. Ela se lembra da primeira vez que Rick falou com ela, da última vez que falou com ela, e se pergunta se ele conseguiu sair da Malásia em segurança e onde pode estar agora...

Ela havia concordado em cobrir o turno da noite de Betty para que ela pudesse aceitar um convite para jantar. À medida que a meia-noite se aproxima, Nesta

atravessa a enfermaria, garantindo que todos os homens estejam dormindo e confortáveis. Quando retorna à sua mesa para fazer anotações, o médico do plantão noturno se aproxima.

— *Está tudo bem, irmã James? — questiona ele.*

— *Dormindo como bebês. Acho que todos os que estão aqui podem receber alta amanhã — garante Nesta, em voz baixa. Não seria bom acordar soldados adormecidos.*

— *Ei, está querendo meu emprego, irmã?*

Nesta percebe o que acabou de dizer. Mortificada, ela fica de pé, seu um metro e quarenta e sete diminuído pelo médico muito mais alto.

— *Sinto muito, isso foi inapropriado. Vou fazer minhas anotações em cada prontuário para o turno da manhã verificar — gagueja ela.*

— *Está tudo bem, com certeza você tem razão. Especialmente com esse volume de roncos. Aposto que o dr. Raymond vai concordar com você. Sente-se, não há necessidade de ficar em posição de sentido.*

— *Obrigada, dr. Bayley — Nesta murmura enquanto se senta.*

— *Sou Richard, mas meus amigos me chamam de Rick. Nunca ouvi falar de ninguém chamado Nesta. Posso perguntar de onde vem o seu nome?*

Nesta ri.

— *É galês. Nasci no País de Gales e meus pais se mudaram para a Austrália quando eu era criança.*

— *Ah, está explicado. Alguns nomes bem diferentes vêm do País de Gales, não?*

— *Sim, eles gostam de ser diferentes. Ninguém do País de Gales quer ser considerado inglês.*

Rick se senta na beirada da mesa, afastando os prontuários e examinando a enfermaria antes de se voltar para ela.

— *Seria indelicado da minha parte perguntar o que você fazia antes de se alistar e agora estar sentada aqui comigo esta noite?*

— *Bem, resumindo, vim do País de Gales para a Austrália quando tinha oito anos e morava em Shepparton.*

— *Fica ao norte de Victoria, não é?*

— *Sim, na região agrícola, principalmente de pomares.*

— *Continue!*

— *Eu sempre soube que queria ser enfermeira e me formei no Royal Melbourne.*

— *Era lá que você estava antes de vir para cá?*

Nesta ri de novo.

— *Não, longe disso... eu estava na África do Sul.*

— Espere, onde? Essa história eu quero ouvir. Me dê um minuto enquanto eu pego outra cadeira. A propósito, você tem uma risada adorável, já estou ouvindo há semanas. Acho que você ri mais que qualquer pessoa que já conheci.

Com uma cadeira colocada em frente à mesa, Rick se inclina para a frente, atento.

— Como estava dizendo, estive na África do Sul.

— Por quê?

— Vai me deixar contar a história? — pergunta Nesta, com um sorriso atrevido.

— Desculpe, desculpe. Continue.

— Não me entenda mal, eu adorava trabalhar no Royal Melbourne, mas queria fazer mais, usar minhas habilidades para curar, e não apenas cuidar de pacientes.

— Ah, então você queria ser médica?

— Vai me deixar terminar?

— Desculpe.

— Vi um pequeno anúncio no jornal para enfermeiras trabalharem nas minas de ouro e diamantes na África do Sul. Não tinha ideia do que isso significava, mas na época eu queria fazer mais, viver uma espécie de aventura. Me inscrevi, fui aceita e viajei para lá. Trabalhei numa mina na região de Joanesburgo.

— É ruim?

— Alguns dias são ruins de verdade. Feridas de acidentes, deslizamentos de terra, desabamentos de minas, espancamentos. Com certeza lidei com lesões que nunca tinha visto antes, e nem sempre havia um médico presente.

— Então, você fazia o que tinha que fazer, tomava suas decisões em relação, digamos, à alta dos pacientes.

Nesta ri de novo.

— Mais ou menos isso. Sim. Enfim, fiquei dois anos lá, então, um dia, em um domingo, nós...

— Quem eram as outras?

— Ah, havia enfermeiras da Inglaterra e da Escócia e algumas ali da região, menos preparadas do que nós. De qualquer forma, estávamos almoçando na sala de descanso quando uma das garotas inglesas pegou um jornal que estava jogado por lá e contou para nós que tanto a Inglaterra quanto a Austrália estavam em guerra. Entenda, nós recebíamos pouquíssimas notícias do mundo exterior, a maioria de nós realmente não queria saber delas. Só queríamos fazer nosso trabalho, fazer a diferença onde conseguíssemos. Eu soube imediatamente que tinha de ir para casa, que meu papel agora era ajudar meu povo. Demorou

alguns meses, mas finalmente voltei para Sydney e me alistei. E aqui estou eu. Aqui estamos nós!

— *Você é uma aventureira, irmã Nesta James.*

— *Obrigada por perguntar e por me ouvir. Não contei minha história a ninguém além da enfermeira-chefe.*

— *Devia contar. Tenho certeza de que seus colegas ficariam fascinados ao saber de suas façanhas. Vou deixá-la com a sua ronda. Me procure se precisar de mim.*

— *Boa noite, doutor.*

— *Rick. Meus amigos me chamam de Rick...*

Cochilando, Nesta só vê a praia quando sua jangada encalha na costa. Ela não tem ideia de quanto tempo faz com que está na água, mas deve ser o meio da noite; apenas as estrelas iluminam essa madrugada sem lua. Está com uma sede infernal. Esforçando-se para se sentar, ela olha para além da pequena praia, para a escuridão da selva. Rolando para fora da jangada, rasteja até a costa, caindo na areia. Um clarão chama sua atenção e, ao se virar, ela vê um farol, um feixe de luz girando e brilhando no mar.

Trêmula, Nesta levanta seu um metro e quarenta e sete e caminha em direção ao farol. Encontra a porta e bate. Ela se abre devagar, e dois homens malaios locais olham para ela.

— Por favor, posso entrar? — pergunta ela.

Seus olhares perplexos lhe dizem que não a compreenderam. Ela empurra suavemente a porta, e eles se afastam. Nesta examina o pequeno cômodo. Há uma cama, uma mesa e duas cadeiras, além de uma bancada com equipamentos rudimentares de cozinha.

— Falam inglês? — questiona ela.

— Um pouco — responde um dos homens.

— Vocês moram aqui?

Os homens trocam olhares e palavras em malaio.

— Um holandês morava aqui. Ele foi embora.

— Água? Pode me dar um pouco de água, por favor?

Antes que possam responder, a porta se abre, e dois soldados japoneses invadem o lugar. Os malaios estremeçam. Surpresos ao ver Nesta, os soldados erguem os rifles, com as baionetas em punho, a centímetros de sua barriga. Ela não recua.

Um dos soldados abaixa o rifle e caminha devagar ao redor de Nesta, olhando-a de cima a baixo. Ela enfia a mão direita no bolso do uniforme e

apalpa o dinheiro, as cem libras, ainda no lugar, molhadas, mas intactas. O soldado percebe esse movimento e puxa sua mão rapidamente. Virando-a para deixá-la de frente para a parede, eles recuam, conversando e zombando. Nesta não os vê sair, mas um dos malaios a vira.

— Eles já foram. E você vai também — diz ele.

— Água, por favor.

— Vá embora, agora.

Os homens lhe dão um pouco de água, que ela bebe antes de ser conduzida porta afora.

Nesta sai do farol, afastando-se com vagar. Segue para onde a praia encontra a selva e desce perto de uma grande árvore. Escondida ali, no escuro, ela espera que o sol nasça e lhe dê um novo dia.

— O óleo simplesmente não sai — reclama Norah, esfregando a pele.

À medida que o sol nasce, Norah, Ena, John e June lutam com os outros na jangada por uma posição confortável. O ar frio da manhã logo é aquecido pelo sol escaldante. É muito cedo, e eles já estão derretendo. Revezam-se para entrar na água fria, enquanto se agarram à jangada. Estão com muita sede.

— Talvez haja um chuveiro quente ou uma banheira nos esperando, com um bom sabonete e toalhas felpudas, quando chegarmos a terra. — Ena tenta uma piada, mas ninguém sorri.

— Como estão suas mãos? — pergunta John para elas. As irmãs estendem as palmas dilaceradas com suas feridas úmidas para inspeção.

— Meu Deus, eu não tinha ideia de que você estava ferida — diz uma das mulheres. — Você devia ter dito.

— Vamos ficar bem quando pudermos desembarcar e, com sorte, encontrar algumas das enfermeiras que estavam a bordo conosco — responde Ena.

Eles observam o sol passar pelo meio do céu.

— Estamos à deriva há mais de vinte e quatro horas — diz um homem. — E nem uma gota d'água para beber.

Um silêncio domina o grupo.

Eles ouvem o motor antes de verem a lancha vindo em sua direção. Sem saber quem está a bordo, vários homens e mulheres deslizam da jangada para a água.

Desligando os motores, a lancha segue ao lado da jangada oscilante. Dois aviadores estão a bordo; um é tão jovem que ainda parece uma criança, o outro tem a idade de John.

— Olá? Olá?!? Que ótimo encontrar vocês. Somos da Força Aérea Real britânica. Que tal colocarmos vocês a bordo?

Várias mulheres começam a chorar; os homens estendem as mãos para apertar as de seus salvadores.

— De que navio vocês são?

— Do *Vyner Brooke*.

— Ah, sinto muito em ouvir isso. Passe a pequenina primeiro — diz o aviador mais velho, apontando para June, que ainda está agarrada a Ena.

Ena tenta desembaraçar os braços de June de seu pescoço, mas a menina segura com mais força e enterra o rosto no pescoço de Ena.

— Está tudo bem, June. Só estou passando você para o oficial gentil. Vou logo atrás, não se preocupe.

— Podemos apressar isso? — diz uma das mulheres, enquanto tenta subir a bordo da lancha.

— Fique na jangada, senhora. Pegaremos a criança primeiro — diz o aviador.

June se permite ser levantada e colocada na lancha, e os outros a seguem rapidamente. Com um leve empurrão para longe da jangada, a lancha dispara e segue em direção à terra. Norah observa a tábua de madeira desaparecer. Salvou-os do mar. Seu trabalho está feito.

— Água? — resmungo John.

— Desculpe — diz o aviador, entregando-lhe um cantil. — Passe adiante.

John toma um gole e o cantil é passado apressadamente pelo grupo, mal saciando sua sede.

— Encontraram algum outro sobrevivente? — questiona John.

— Não do *Vyner Brooke*.

— Para onde estão nos levando?

— Infelizmente, não temos muita escolha. Muntok não fica longe daqui, e nós os levaremos ao cais. Lamento dizer, mas vamos entregá-los aos japoneses.

Há gritos de medo e raiva entre o grupo. Como podem esses homens entregá-los nas mãos do inimigo, o mesmo Exército que destruiu seu navio e metralhou os civis do ar?

— Não podemos ir com vocês? Vocês não podem simplesmente nos abandonar nas mãos dos japoneses — protesta Norah, horrorizada.

— Estamos cercados. Se vocês forem pegos conosco, então estarão em apuros de verdade. É tudo o que podemos fazer, sinto muito, eu...

O aviador não precisa terminar a frase. O grupo fica em silêncio. Pelo menos há algum alívio em finalmente escapar do mar.

— O cais fica lá na frente. Vamos entrar com força e muito rápido. Por favor, desembarquem o mais depressa que puderem para que possamos fugir.

A lancha diminui a velocidade à medida que se aproximam de uma curva do estreito. Olhando ao redor, eles veem um longo cais que sai da terra e entra no mar.

— Vai! Vai! Vai! — diz o aviador mais velho ao jovem colega que controla o barco.

Os sobreviventes são jogados para trás em seus assentos quando o barco avança em alta velocidade. Chegam ao cais com um baque surdo, bem ao lado da escada de madeira para desembarque.

— Rápido, rápido. — O aviador aponta para um jovem. — Vamos lá, suba. Vou mandar June logo atrás de você. Esse é seu nome, não é, querida?

A garotinha assente.

— Ajude-a e depois os outros quando eu os enviar. Temos que agir muito rápido agora.

O homem sobe a escada, e June o segue sozinha com as pernas trêmulas e uma coragem e determinação além de sua idade. Ena a segue, tropeçando nos degraus, as pernas também bambeando depois de horas na água. Suas mãos dilaceradas doem demais enquanto ela segura cada degrau. Enquanto os últimos sobreviventes lutam para subir a escada até o cais, ouvem gritos e pés batendo em sua direção.

— Vão! Vão! Vão! — berra o aviador, empurrando os sobreviventes restantes para a escada.

Quando o último coloca as mãos no degrau inferior, o aviador liga os motores. Uma chuva de balas os afugenta. Quando estão no cais, Ena, Norah e John encaram os soldados japoneses, ainda correndo em direção a eles, com rifles disparando contra os homens da RAF* que partiram. Além dos soldados, eles veem que o cais está repleto de outros sobreviventes, sentados em suas malas, em caixas, observando horrorizados, aterrorizados com a possibilidade de os recém-chegados serem baleados. A lancha desaparece na curva. Os soldados japoneses se viram e voltam por onde vieram, deixando os sobreviventes do *Vyner Brooke* se perguntando o que vai acontecer a seguir.

— Suponho que só podemos nos sentar aqui e esperar como todo mundo — diz John.

* RAF é a sigla de *Royal Air Force*, a Força Aérea Real britânica. (N. do E.)